

Gemini: em cinco anos, informações para 200 artigos científicos



OBSERVATÓRIO GEMINI

■ Os brasileiros lá no alto

São poucos, mas muito produtivos. Os astrônomos brasileiros foram quatro vezes mais produtivos cientificamente que os colegas britânicos, três vezes mais que os norte-americanos e duas vezes mais que os canadenses que integram a equipe do Telescópio Gemini, consórcio internacional de dois telescópios, um no Chile e outro no Havaí. Nos últimos cinco anos os astrofísicos das universidades brasileiras assinaram 5% dos 200 trabalhos científicos publicados a partir de observações feitas nesses telescópios, mesmo que contassem com apenas 2,5% do tempo de uso ou até 18 noites de observação por ano. Desde 1994 o Brasil investiu R\$ 7,5 milhões nos dois telescópios – o Gemini Norte, a 4.200 metros de altitude, no monte Mauna Kea, no Havaí, e o Gemini Sul, a 2.720 metros no cerro Pachón, no Chile. •

■ Quanto sobra de Mata Atlântica

Há muitos anos se diz que restam atualmente pouco mais de 7% da área original da Mata Atlântica no Brasil. Esse valor resulta de levantamentos feitos desde 1990 pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e a Fundação SOS Mata Atlântica, mas está sujeito a ajustes – o primeiro levantamento, que contou com a participação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), indicava uma área remanescente de 8,8% e os dos anos seguintes já caíram para a faixa de 7,3%. Mas pode não ser tão pouco. No ano passado, o Instituto Florestal (IF) de São Paulo concluiu que a área atual de Mata Atlântica no país é de 17%. O IF levou em conta não só os grandes blocos de floresta, mas também as matas em regeneração e os blocos menores, de até 10 hectares, desconsiderados no estudo do Inpe/SOS. Só em

A África no sangue

Greice Cardoso e João Guerreiro, da Universidade Federal do Pará, analisaram o sangue de moradores de Belém com anemia falciforme em busca de variações do gene HBB*S comuns na África – cada variação recebe o nome da nação africana em que é mais comum. Em Belém, 66% dos portadores dessa anemia carregam a variedade Bantu do HBB*S, outros 21,8% a forma Benin, 10,9% a Senegal e 1,3% a Camarões (*American Journal of Human Biology*). Já se sabia que

90% dos escravos enviados para o Norte do Brasil eram de Angola, Congo e Moçambique, onde a variedade Bantu é mais comum, e 10% da Senegâmbia, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, onde a Senegal é mais freqüente. O problema era explicar as taxas mais altas que o esperado da variação Benin, encontrada no centro-oeste da África. Esse dado sugere um tráfico interno do Nordeste para o Norte do país, já que não há registro de comércio de negros com o centro-oeste africano. •



JEAN BAPTISTE DEBRET / LIVRO: O BRASIL DOS VIAJANTES

São Paulo os 80.704 fragmentos menores somam cerca de 300 mil hectares, o equivalente ao Parque Estadual da Serra do Mar. Deve sair em maio uma atualização do levanta-

mento do Inpe/SOS, que deverá incluir fragmentos florestais de 5 ou mais hectares (os primeiros levantamentos abrangiam somente áreas com pelo menos 40 hectares). •



Tajibucu ou saicanga: carnívoro



Guaru: em correntezas e remansos



Peixe-anual: em poças temporárias